

ACTAS DEL XIII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL

(Valladolid, 15 a 19 de septiembre de 2009)

IN MEMORIAM
ALAN DEYERMOND

I

Editadas por
José Manuel Fradejas Rueda
Déborah Dietrick Smithbauer
Demetrio Martín Sanz
M^a Jesús Díez Garretas



VALLADOLID
2010

© Asociación Hispánica de Literatura Medieval, 2010

© Los autores, 2010

Reservados los todos derechos. Prohibida la reproducción parcial o total por cualquier medio, salvo para citas, sin permiso escrito de los propietarios del copyright

Publicado por el Ayuntamiento de Valladolid y la Universidad de Valladolid

Ni el Ayuntamiento de Valladolid, ni la Universidad de Valladolid (UVa) ni la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (AHLM) ni los editores son responsables de la permanencia, pertinencia o precisión de las URL externas o de terceras personas que se mencionan en esta publicación, ni garantizan que el contenido de tales sitios web es, o será, preciso o pertinente.

Edición realizada dentro del proyecto de investigación VA46A09 financiado por la Junta de Castilla y León.

Ilustración de la cubierta de María Varela

ISBN 978-84-693-8468-8

D.L. VA 951-2010

Impreso en España por
Valladolid Artes Gráficas

O FRAGMENTO DO LIVRO DE TRISTAN. ASPECTOS DE *COLLATIO* E TRADUÇÃO

SIMONA AILENII

Universidade do Porto

Universitatea "Al. I. Cuza" Iași, România

Com a edição de um dos mais antigos testemunhos tristanianos conservados na Península Ibérica —um fragmento do *Livro de Tristan*¹— datado dos finais do séc. XIV, a questão da filiação com a tradição francesa tornou-se prioritária. Embora muito estudada, a relação de filiação entre o fragmento galego-português e a tradição manuscrita francesa continua incerta devido, principalmente, ao escasso conteúdo do texto conservado. Contudo, numa série de estudos dedicados ao fragmento peninsular do *Livro de Tristan*², cujas características gráficas, fonéticas e morfo-sintáticas indicam o norte da Península como lugar do *scriptorium* onde se teria efectuado a tradução, aponta-

¹ Pensado Tomé, José L., “Fragmento de um “Livro de Tristan” galaico-português”, *Cuadernos de Estudios Gallegos, Anejo XIV*, 1962; Grandín, Lorenzo Pilar/Souto Cabo, José António (2001), *Livro de Tristan e Livro de Merlin*, Santiago de Compostela, Centro Ramón Piñero para a Investigación en Humanidades, 2001.

² Castro, Ivo, “O fragmento galego do Livro de Tristan”, *Homenaxe a Ramón Lorenzo*, I, D. Kremer ed., Vigo, 1998, pp. 135-149; Michon, P., “Le Tristan en prose galaico-portuguais”, *Romania*, 112, 1991, pp. 259-268; Cuesta Torre, M^a. L., “Traducción o recreación: en torno a las versiones hispánicas del Tristán en prosa”, *Livius*, 3, 1993, pp. 65-75; Soriano Robles, L., “La edición del fragmento de la copia gallega del Livro de Tristan”, *Actas del I Congreso de Jóvenes Filólogos (A Coruña, 25-28 de septiembre de 1996)*, II, Universidade da Coruña, Coruña, 1996, pp. 667-675; Soriano Robles, L., *LIVRO DE TRISTAN. Contribución al estudio de la filiación textual del fragmento gallego-portugués*, Roma, Edizioni Nuova Cultura, 2006; Grandín, Lorenzo Pilar/Souto Cabo, José António, op. cit.; Gutiérrez García, Santiago/Lorenzo Gradín, Pilar, *A literatura artúrica en Galicia e Portugal na Idade Media*, Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, 2001; Lorenzo Gradín, Pilar/Martínez, E. Díaz, “El fragmento gallego del Livro de Tristán. Nuevas aportaciones sobre la collatio”, *Romania*, 122, 2004, pp. 371-395; Pilar Lorenzo Gradín (2005-2006), “Tristán en Portugal. Reescritura y alteración organizativa de las fuentes”, *Incipit*, XXV-XXVI, 2005-2006, pp. 357-380.

se claramente para um texto derivado da versão longa³ do *Tristan en prose*, e que representa, provavelmente, uma cópia da tradução original do exemplar francês.

O texto conservado do *Livro de Tristan* testemunha, por um lado, a língua antiga e, por outro, a produção literária emergente do processo de tradução realizado na época medieval, quando as línguas neo-latinas iniciaram o seu processo de desenvolvimento e normalização da forma escrita.

O descobrimento de um outro testemunho arturiano ibérico — o fragmento galego-português da *Estoire del Saint Graal* do Arquivo Distrital do Porto, datado dos finais do séc. XIII⁴ — confirma a difusão e a recepção do romance arturiano nos reinos e cortes senhoriais do Ocidente peninsular, evidenciando a importância do processo de tradução⁵ para as línguas ibéricas destes textos elaborados em francês antigo na construção da linguagem escrita galego-portuguesa.

O processo de tradução decorre entre dois extremos, a literalidade e a interpretação; da otimização do equilíbrio entre eles resultará a virtude da tradução. Sendo a tradução uma forma de prática interlingual, observemos como se manifestou este *exercitio* no diálogo entre dois Romances, o francês antigo e o galego-português.

A partir do confronto de alguns testemunhos da tradição francesa tristaniana⁶ (os manuscritos fr. 99 e fr. 756 da BNF; ed. Ménard⁷ e a ed. Curtis)⁸

³ Baumgartner, Emmanuèle, *Le Tristan en prose. Essai d'interprétation d'un roman médiéval*, Genève, Droz, 1975, pp. 40 e ss.

⁴ Dias, Aida Fernanda, “A matéria da Bretanha em Portugal: relevância de um fragmento pergamináceo”, *Revista Portuguesa de Filologia, Miscelânea de estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho*, XXV/I, 2007, pp. 145-221; Nascimento, Aires A. (2008), “As voltas do Livro de José de Arimateia: em busca de um percurso, a propósito de um fragmento trecentista recuperado”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 5, 2008, pp. 129-140; Ailenii, S., “O arquétipo da tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal* à luz de um testemunho recente”, *Guarecer on-line* (seminariomedieval.com), 2009, pp. 129-156 e *Revista Galega de Filoloxía*, 9, 2008 (no prelo).

⁵ Vid. Gafton, Alexandru, *Evoluția limbii române prin traduceri biblice din secolul al XVI-lea. Studiu lingvistic asupra Codicelui Bratul în comparație cu Codicele Voronetean, Praxiul Coresian și Apostolul Iorga*, Iasi, Editura Universitatii “Al. I. Cuza”, 2001; Idem, *Dupa Luther. Edificarea normei literare românești prin traduceri biblice*, Iasi, Editura Universitatii “Al. I. Cuza”, 2005.

⁶ Dos manuscritos franceses consultados na BNF e Arsenal (fr. 99, 756, 758, 755, 756, 757, Arsenal 3357) localizámos a parte narrativa correspondente à conservada no fragmento galego-português do *Livro de Tristan*, nos manuscritos 99 e 756. Nos outros manuscritos mencionados, a parte referente à passagem sobre o Cavaleiro da Saia Mal Talhada preservada pelo fragmento ibérico encontra-se muito reduzida ou, mesmo, ausente. Não nos foi possível consultar o

com o testemunho ibérico, procurar-se-á levar a cabo um levantamento das características assumidas pela prosa literária galego-portuguesa no processo de tradução, tendo em conta, sobretudo, aspectos da estrutura da língua, nomeadamente, ao nível lexical e sintáctico, e da organização narrativa no fragmento tristaniano peninsular ibérico. Todas as edições e todos os manuscritos franceses confrontados são testemunhos da chamada versão longa e mista⁹; para a porção do texto conservado no fragmento ibérico não se conservam os manuscritos da versão breve.

O que se preservou da tradução galego-portuguesa do *Tristan en prose* não é, na realidade, um fragmento só, mas dois, como bem evidencia Ivo Castro¹⁰. Ao analisar o texto galego-português, verifica-se um hiato narrativo que corresponde a quatro fólhos no manuscrito da Bibliothèque Nationale de France fr. 99 (do fólho 145r até ao fólho 149r) e a cinco no manuscrito da BNF fr. 756 (do fólho 152r até ao fólho 157r), entre os dois fólhos conservados do *Livro de Tristan*.

Este trabalho centrar-se-á na análise da primeira narrativa da tradução galego-portuguesa do *Tristan en prose*. Confrontando o texto oferecido pelas versões francesas com o testemunho da tradução galego-portuguesa do *Livro de Tristan*, notamos que, no fundamental, seguem uma mesma narrativa sem variantes substanciais. É, contudo, nas diferenças entre o texto transmitido pelo testemunho galego-português e o texto dos testemunhos franceses acima referidos que focaremos a nossa atenção. Assim, e de modo a atingirmos os objectivos a que nos propomos, procederemos a uma comparação sistemática da primeira narrativa do testemunho galego-português com os testemunhos franceses.

Em primeiro lugar, detecta-se uma série de casos de ausência de advérbios e locuções adverbiais no texto transmitido pelo testemunho galego-português.

manuscrito francês n.a. 6579 porque, a essa data, se encontrava em processo de restauração, sem disponibilidade de microfilme.

⁷ A versão A inicia-se apenas no parágrafo 92 da análise de Löseth; o fragmento galego-português do *Livro de Tristan* inclui os parágrafos 91-93 da análise de Löseth.

⁸ BNF fr. 99, ff. 144r/col. I-145v/col. I; ff. 149r/col. I-150r/col. I; fr. 756, ff. 150v/col. II-152r/col. II; ff. 157r/col. I-158v/col. I; *Le Roman de Tristan en prose*, I: *Des aventures de Lancelot à la fin de la "Folie de Tristan"*, Genève, Droz, 1987, ed. Philippe Ménard (§§1-6; 27-32); *Le Roman de Tristan en prose*, III, Cambridge, Arthurian Studies XIV, 1985, ed. Renée Curtis (§§ 940; 710-715; 731-737). Passamos a designar os manuscritos editados pelas siglas já adoptadas em estudos anteriores: Tg (*Livro de Tristan*, ed. José António Souto Cabo/Pilar Lorenzo Gradín), A (Viena 2542, ed. Philippe Ménard) e Z (Carpentras 404, ed. Renée Curtis).

⁹ Baumgartner, Emmanuèle, op. cit.

¹⁰ Castro, Ivo, op. cit., p. 136.

Ou seja, nos segmentos seleccionados (exemplos i, ii, iii e iv), as formas adverbiais *tant solement*, *solement*, *de riens*, *tot apertement* não encontram correspondentes na tradução galego-portuguesa. Assinala-se que, nos testemunhos franceses, os advérbios e locuções adverbiais identificados são relacionados semânticamente com outros elementos que enfatizam a informação já constante da frase. A saber, no primeiro exemplo, observa-se a locução preposicional *fors que* relacionada com *tant solement*; no segundo exemplo, o advérbio *solement* compara-se com *non plus*; no terceiro exemplo, regista-se a dupla negação: *ne... de riens* e no último exemplo, apresenta-se o par adverbial *bien tot apertement*.

No texto galego-português, o registo de apenas um elemento adverbial ou preposicional, a saber, *forá*, *non máis*, *non*, *bem*, leva-nos a pensar que se poderá tratar, no que diz respeito ao testemunho ibérico, de um derivado de um exemplar francês mais sintético do que os colacionados ou que esta ausência se terá ficado a dever ao processo de tradução, reflectindo uma intenção do tradutor.

(i)

Tg/p. 88/9	BNF fr. 99 (f. 144r/II)/fr.756 (f. 151r/I)/Z (§ 940)
que o non soube outro <i>forá</i> a reiña e Dinaux e Brangen	celee la vie Tristan a toz cez de Cornoaille <i>fors que</i> a la roïne Yselt <i>tant solement</i> , et a Dynas et a Brengain.

(ii)¹¹

Tg/p. 88/10	BNF fr. 99 (f. 144r/II)/fr.756 (f. 151r/I)/Z (§ 940)
aqueles tres o souberon e <i>non máis</i>	Cit troi <i>solement</i> le savoient et <i>non plus</i> .

(iii)

Tg/p. 92/40	BNF fr. 99 (f. 144v/II)	BNF fr. 756 (f. 151v/I)/A (§ 2)/Z (§ 711)
Quando eles viron Lançarote <i>non</i> no coñoceron	Et come ils virent venir Lancelot ils <i>ne</i> le cognurent <i>de riens</i>	Quant il virent venir Lancelot, il <i>nou</i> reconurent <i>de riens</i>

¹¹ Os exemplos (i), (ii) e (v) encontram-se na parte correspondente ao parágrafo 91 de Löseth, que o testemunho A não inclui (iniciando-se apenas no parágrafo 92 de Löseth).

(iv)

Tg/p. 94/77	Z (§ 712)/BNF fr. 99 (f. 144v/I)/fr.756 (f. 151v/II)/A (§4)
e bem metedes i mentes	Or voi je <i>bien tot apertement</i> que vos vos iestes aperceüz de la verité.

Em segundo lugar, destaca-se um conjunto de fenómenos de ausência de segmentos frásicos do texto francês ou da sua equivalência por advérbios ou pronomes indefinido e pessoal na tradução galego-portuguesa (exemplos v, vi, vii e viii).

No quinto exemplo, nota-se que, do segmento frásico *nulles de leans et non fist il sans faille* registado na versão dos manuscritos 99 e 756 da BNF, apenas o indefinido *nulles* encontra equivalente no texto galego-português, *ninñu*. Assinala-se que, na versão transmitida pelo testemunho Z editado por Philippe Ménard, ao indefinido *nulles/ninñu* corresponde o demonstrativo *cez*.

No sexto exemplo, sublinha-se que à estrutura nominal *se folie ne a ses nices paroles* corresponde, no texto ibérico, apenas a forma pronominal *el*. Pela simples utilização do pronome pessoal, o tradutor galego-português parece eliminar um juízo de valor. Contudo, repare-se na frase anterior *e non é tan sisudo como lle seria mester* que apresenta esse juízo de valor sobre a personagem em destaque na forma adjectival *tan sisudo* equivalente do segmento *si saiges ne si mesures*, no mesmo momento textual, nos testemunhos franceses. Observa-se que, enquanto a versão transmitida pelo texto ibérico regista apenas um atributo, *sisudo*, os testemunhos franceses em colação apresentam dois, *saiges* e *mesures*.

No sétimo exemplo, o advérbio *alá* corresponde, no texto galego-português, ao segmento frásico *cele part tant com nous poom, car cele part avom nous autresi a faire* registado nos testemunhos franceses usados nesta comparação. Sublinha-se, ainda, que o texto ibérico apresenta a expressão *a gran coita*, ausente dos textos franceses. No último exemplo desta série, observa-se que ao segmento nominal *en chest país*, registado nos testemunhos franceses, corresponde, no texto galego-português, o advérbio *i*, sendo anteriormente referida esta informação nos corpos dos textos comparados (*en cest país/en esta terra*, exemplo viii).

A ausência do segmento frásico *de leans et non fist il sans faille* do primeiro exemplo e as reduções dos restantes exemplos, fazem-nos supor que o tradutor galego-português teve à sua disposição uma versão mais curta do *Tristan en prose*, que teria, provavelmente entretanto, sido objecto de amplificação retórica por parte de posteriores redactores franceses, dando

origem a família de testemunhos usada nesta comparação. Todavia, também não podemos descartar a hipótese de que se tratará de uma tendência para a síntese resultante do processo de tradução.

(v)¹²

Tg/p. 87/4-6	BNF fr. 99 (f. 144r/I)/fr. 756 (f. 151r/I)	Z (§ 940)
E a reiña se confortou muito que logo foi guarida e tornada en sua beldade toda e defendeu a Glingain que non dissesse aquelas novas a <i>ninñu</i>	se reconforte la royne si durement que du tout retourne a garison et cōmence a revenir en sa biaute. La royne deffent a Guinglains qu'il ne deïst ces nouvelles a <i>nulles de leans et non fist il sans faille</i>	Totevoies la roïne se prist a reconforter si durement qu'ele retourne dou tot a garison, et comence a revenir a sa beauté. La roïne deffendi a Guiclain qu'il ne deïst ces noveles a <i>cez de leanz, et il non fist sanz faille.</i>

(vi)

Tg/p. 90/27-28	A (§1)/BNF fr. 99 (f. 144r/I)/fr.756 (f. 151r/II)/Z (§ 710)	
-¡Ai, por Deus! – disse o padre – El é ùu cavaleiro mui meniño, e non é tan sisudo como lle seria mester. E non catedes vós a el	“Ha! Pour Dieu, sire, fait li peres, ce est uns jovenes cevaliers et non mie si sages ne si amesurés com mestiers li seroit. Ne regardés pas a <i>se folie ne a ses nices paroles</i>	

(vii)

Tg/p. 92-93/49-50	A (§2)/BNF fr. 99 (f. 144r/II)/fr.756 (f. 151v/I)/Z (§ 711)	
– Eu queria seer – disse el – ora aa entrada de Serolois. – Seigneur, fait il, or sachiés que je vauroie ore ester a l'entree de Soreloys	– Señor – disseron [eles] –, <i>alá imos a gran coita.</i> – Et nous, dient li chevalier, alom autresi <i>cele part tant com nous poom, car cele part avom nous autresi a faire.</i>	

(viii)

Tg/p. 93/61-63	A (§3)/BNF fr. 99 (f. 144r/II)/fr.756 (f. 151v/I-II)/Z (§ 712)	
-¡Ai, por Deus! — disse Keia d'Eestraz — Pois vós don Lançarote coñocedes, tanto me disede, se vos prouguer, se o vistes <i>en esta terra</i> , ca nos disse ùu cavaleiro, non á ainda IIIº dias, que o viu <i>i</i> .	– Ha! pour Dieu, fait Kex d'Eestraz, quant vous Lanselot connessiés, itant me dites, s'il vous plaist: l'avés vous encore veü <i>en cest país?</i> Uns chevaliers nous dist, n'a mie encore .III. jours, k'il estoit <i>en chest país</i> sans faille.	

¹² Supra, nota 10.

Em terceiro lugar, chama-se a atenção para alguns aspectos da organização da narrativa tristaniana em língua galego-portuguesa (exemplo ix).

(ix)

Tg/p. 96/93-96	BNF fr. 99 (f. 144v/II)	BNF fr. 756 (f. 152r/I)	A (§ 5)	Z (§ 713)
–Señor cavaleiro, derrebastesme	“Sire chevaliers, je vois bien que voz m’aves abatu,	“Sire chevalier, je voi bien que vous m’aves abatu.	“Sire cevaliers, je voi bien que vous m’avés abatu.	“Sire chevaliers, je voi bien que vos m’avez abatu.
mais non me vencestes.	ne m’aves vous pas mene jusqu’a outrance, s’il vous plaist et voz avez talent de la bataille, je sui appareilles de combatre a voz puis que je vous ai abatu, ne m’aves pas mene jusqu’a outrance,	Mes pour ce m’aves abatu ne m’aves vous pas mene a outrance se il vous plest, vous aves talant de bataille je sui appareillie de combatre a vous.	Mais pour ce se vous m’avés abatu, ne m’avés vous pas mené a outrance. S’il vous plaist et vous avez talent de bataille, je sui apareilliés de combatre a vous.	Mes por ce se vos m’avez abatu ne m’avez pas pas mené a outrance. S’il vos plest et vos avez talent de bataille, je sui apareilliez de combatre a vos.”
E o cavaleiro da ponte, que avia nume Renoveis, disso:				
–Sabede ora, cavaleiro <i>desaventuroso</i> , que non ei ora voontade de batalla,		Certes, Sire chevaliers aventureus, <i>fet</i> <i>Neroneaus</i> , or sachiez que je n’ai ore volente de combatre a vous puis que je vous ai abatu,	–Sire cevaliers, <i>fait Neroneus</i> , or sachiés tout certainnement que je n’ai nule volenté de combatre a vous puis que je abatu vous ai,	“Certes, sire chevaliers aventureus, <i>fait</i> <i>Neroneus</i> , or sachiez que je n’ai nule volenté de combatre a vos, puis que je vous ai abatu;

Este excerto consiste no diálogo entre Queia e Neroveix.

Destaca-se a redacção sintética dada ao segmento frásico *Mais pour ce se vous m’avés abatu, ne m’avés vous pas mené a outrance. S’il vous plaist et vous avez talent de bataille, je sui apareilliés de combatre a vous*, das versões francesas, que encontra equivalente, no texto galego-português, na proposição *mais non me vencestes*. Sublinha-se, ainda, que nas versões transmitidas pelos testemunhos franceses em confronto, todas as réplicas do discurso directo se

iniciam com a mesma forma de cortesia, *Sire chevaliers* (BNF fr. 99¹³ e A) ou *Certes, sire chevaliers* (BNF fr. 756 e Z), como exemplificam as seguintes frases do manuscrito fr. 756 da BNF:

Sire chevalier, je voi bien que vous m'aves abatu.

e

Certes, Sire chevaliers aventureus, fet Neroneaus, or sachiez que je n'ai ore volente de combatre a vous puis que je vous ai abatu

enquanto no texto galego-português, esta forma de cortesia ocorre apenas na primeira réplica da personagem: –*Señor cavaleiro, derrebastesme.*

Na segunda réplica, a forma de cortesia é simplificada: –*Sabede ora, cavaleiro desaventuroso, que non ei ora voontade de batalla.*

Para além da redacção sintética, da redução do elemento retórico ou da utilização divergente do adjectivo *desaventuroso* em comparação com *aventureux*, ocorrente nos testemunhos franceses, a tradução galego-portuguesa conservada neste testemunho fragmentário evidencia-se, neste excerto, por um outro elemento relevante para a especificidade da organização narrativa. Trata-se da frase *E o cavaleiro da ponte, que avia nume Renoveis* que não tem correspondência nas versões francesas usadas nesta comparação. Contudo, observa-se que estes textos não são totalmente omissos quanto ao nome da personagem, posteriormente mencionado na proposição incidente do discurso directo.

Vejam-se as versões francesas comparadas que apresentam:

BNF fr. 756/A/Z: *Certes, Sire chevaliers aventureus, fet Neroneaus, or sachiez que je n'ai ore volente de combatre a vous puis que je vous ai abatu*

A grafia errada do nome da personagem no texto ibérico é um aspecto secundário para a nossa análise, dadas as suas outras ocorrências correctas no corpo do texto¹⁴.

Novamente, duas hipóteses se colocam: o conjunto de fenómenos assinalados revela uma organização narrativa reflectindo a intenção editorial do tradutor galego-português ou, então, os elementos textuais sublinhados sugerem que estaremos perante um testemunho derivado de um exemplar francês distinto dos confrontados. Sublinha-se, porém, que a utilização da fórmula *que avia nume*, ocorrente em textos historiográficos, como a *Traduccion Gallega de la*

¹³ Na versão transmitida pelo manuscrito fr. 99 da BNF, encontra-se ausente a segunda réplica da personagem Neroveix, VER exemplo ix.

¹⁴ Tg, pp. 95, 96, 103.

*Cronica General y de la Cronica de Castilla*¹⁵, pode representar uma adaptação ao discurso narrativo medieval elaborado em língua galego-portuguesa.

Para concluir, e embora apenas tenhamos analisado parcialmente o fragmento conservado, consideramos que a tradução do testemunho peninsular tristaniano se evidencia como um modelo de adaptação à estrutura textual, sintáctica e léxico-semântica da língua galego-portuguesa. Tendo notado, ao longo da análise que, de uma forma geral, as versões francesas são retoricamente mais longas, verificamos que o texto transmitido pelo testemunho ibérico adota um estilo mais sintético.

Pelas diferenças assinaladas entre os testemunhos franceses e o texto galego-português do *Livro de Tristan*, pode-se sugerir que o carácter sintético detectado no texto ibérico poderá reflectir uma intenção deliberada de abreviar o texto francês por parte do tradutor galego-português ou que representará uma especificidade que remonta à natureza do protótipo em que se baseou, que seria, assim, mais breve e conciso do que os testemunhos a que tivemos acesso. Esta última possibilidade não seria surpreendente, porque já observámos um caso similar na versão portuguesa da *Estoire del Saint Graal*¹⁶, que segue igualmente um protótipo mais económico e conciso do que as chamadas “versões longas” desse romance.

No tocante à questão das singularidades textuais e linguísticas do testemunho ibérico, consideramos que seria necessário confrontar este texto fragmentário com os correspondentes em castelhano, agaronês e catalão, para averiguar se se trata de um testemunho isolado ou, no caso de se aparentar sob estes aspectos com algum texto ibérico, se representa um testemunho apenas de uma versão que teria tido uma circulação mais larga na Península.

¹⁵ *hũu conde do paaço del rrey que auia nume Nepoçiano* (p. 3), *çerca da ponte dũu rio que aua nume Narçera* (p. 4), *en hũu lugar que auja nume Pramaria* (p. 4), *huu conde que chamauã Aldaredo et outro rico ome que auia nume Preuiolo* (p. 15) etc., *La Traduccion Gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castilla*, Orense, Instituto de Estudios Orensanos “Padre Feijoo”, 1975, ed. Ramon Lorenzo.

¹⁶ Ailenii, S., op. cit.

